

VESTIDO DE CURIE

A Curie's Dress

Paloma Nascimento dos Santos

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

pns.paloma@gmail.com

Rochele de Quadros Loguercio

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

rochelel@gmail.com

Resumo

Marie Curie foi cientista, mãe, esposa, inventora e em sua trajetória a presença de um vestido preto de algodão nos desafia a pensar as múltiplas identidades e enunciados sobre a constituição do sujeito mulher nas ciências. Por meio das narrativas biográficas e fotografias foram analisados três enunciados, que ainda hoje se repetem e estão presentes na construção discursiva sobre mulher e ciência.

Palavras chave: Marie Curie, gênero e ciência, identidade, vestido

Abstract

Marie Curie was a scientist, mother, wife, inventor and in her trajectory the presence of a black cotton dress challenges us to think of the multiple identities and statements about the constitution of the female subject in the sciences. Through biographical narratives and photographs were analyzed three statements, which still today are repeated and are present in the discursive construction on women and science.

Key words: Marie Curie, gender and Science, identity, dress

Introdução

A Conferência de Solvay reuniu as pessoas expoentes em Química e Física do mundo e tinha como seus diferenciais a temática única e bem definida, o formato e a seleção dos participantes. Numa das fotografias da quinta edição, é possível ver, entre dezenas de Prêmios Nobel, uma única mulher: Marie Curie. A fotografia impressiona não só pela presença de tantos expoentes em ciências, não só por Marie, mas também pela gravidade das figuras, pela formalidade das casacas em preto, por uma atmosfera que inspira a objetividade masculina das ciências.

Autora da biografia que é considerada um dos relatos oficiais sobre a vida de Marie Curie, sua filha Ève, já nas primeiras páginas nos apresenta dois elementos muito importantes para este texto: os discursos sobre Curie, e conseqüentemente, sobre uma mulher nas ciências, e a presença de um vestido. Ève narra a mãe, reforçando que “não deforme uma frase essencial,

não inventei uma cor de vestido. Os fatos deram-se, as palavras foram pronunciadas” (CURIE, 1957, p. ii).

Este é um texto que se debruça sobre narrativas, fotografias e sobre história, sobre cores e vestimentas para investigar enunciados sobre o feminino nas ciências que visibiliza não só a vida de Marie Curie mas também as formas de ser cientista na contemporaneidade. Quais discursos e práticas se atualizam? Quais os efeitos das estratégias de resistência de Marie Curie que se repetem atualmente?

Vestir o negro

O uso da cor negra em vestimentas tem marcações tão específicas na história, que pode parecer que essa cor tem um significado permanente. O significado de uma cor é, em grande parte, a história de uma cor. Como a cor negra passou a simbolizar poder e autoridade elegante? Em muitas civilizações, o preto representava a cor do poder séculos antes de seu uso ser difundido pela Europa. Imperadores da China, no período que compreende os séculos XI a. C. e XVII d. C, usavam roupa preta diariamente. Nas reuniões com autoridades os chineses vestiam negro, ainda que ao longo do dia, oficiais menos graduados optassem por cores mais claras. A cor preta é associada na China à cor do céu, a escuridão pouco antes do amanhecer (HARVEY, 2003).

A roupa negra tem valor e apresenta uma multiplicidade simbólica e enunciativa: é a cor que, não tendo cor, apaga qualquer eu, é a busca por uma anulação de si, é símbolo de uma sobriedade religiosa, é marco da desolação e perda pós-morte, é penitência e pesar, é honestidade simples, é a cor dos padres, príncipes e negociantes. Embora o preto tenha óbvia ligação com o luto e tenha sido frequentemente usado desde a antiguidade, para estas ocasiões, nem sempre foi regra usar o preto apenas em momentos fúnebres. Para além do luto, vestir o negro era algo complexo de explicar, já que costumava sugerir humildade para quem o vestia, mas não era a única cor para cerimônias fúnebres. Vestia-se branco também, especialmente pela morte de crianças ou pessoas não casadas (HOLLANDER, 1988).

No século XIX, quando o caráter simbólico do preto em roupas se reorganizou, principalmente para homens, as cores, estampas e decorações presentes nas roupas foram abandonadas, em favor da adequação e sobriedade da cor negra. Os homens, na política e nos negócios eram vistos, retratados e pintados vestindo o monótono negro. Chefes de estado, autoridades, intelectuais adotaram o preto definitivo em suas vestimentas, contrastando com o vestido espetacular dos estadistas medievais.

Mesmo com a vocação masculina do vestuário preto, há um interesse central, neste texto, em traçar um paralelo com as roupas das mulheres. Houve também uma unanimidade monocromática nas roupas femininas nos períodos históricos discutidos? Ainda que houvesse a disseminação do uso do preto, a clareza e vivacidade no vestir se manteve como padrão para as mulheres. Mas sob que condições? Se “algo é negado quando uma pessoa veste preto” (HARVEY, 2003, p. 255), o que era reservado às mulheres?

Enunciados de um vestido de Curie

O uso do branco obrigatório no âmbito das ciências é uma invenção recente. O tratamento de doenças que dizimavam populações na Idade Média obrigava o uso de luvas, chapéu, máscara e uma vestimenta que antecedia o que conhecemos hoje como jaleco. Eram feitos com tecidos

escuros e frequentemente estavam manchados pelas secreções e sangue das pessoas doentes (CÉLINE, 1998). Na história da arte, o quadro *A Lição de Anatomia do Dr. Tulp*, de Rembrandt mostra o famoso cirurgião holandês Nicholas Tulp, cercado por estudantes, todos de preto.

A partir do desenvolvimento, no século XIX, de práticas de assepsia, o branco passou a ser utilizado pelos profissionais. A mudança de cor acompanhou uma virada científica que incluiu os estudos sobre micro-organismos e a importância de padrões mínimos de higiene para preservar a vida dos médicos e dos pacientes. O jaleco torna-se branco e as pessoas que a utilizam são cobradas para mantê-lo o mais limpo possível, validados por um discurso científico. Nessa nova modalidade de vestir por um médico ou por um químico, ambos profissionais de ciência, existe uma discursividade que apresenta esta ciência para a sociedade. O uso do jaleco enuncia os discursos verdadeiros da ciência e a confiabilidade conferida às pessoas que o utilizam, afinal:

Numa sociedade da roupa, pois, a roupa é tanto uma moeda quanto um meio de incorporação. A medida em que muda de mãos, ela prende as pessoas em redes de obrigações. O poder particular da roupa para efetivar essas redes está estreitamente associado a dois aspectos quase contraditórios de sua materialidade: sua capacidade para ser permeada e transformada tanto pelo fabricante quanto por quem a veste; e sua capacidade para durar no tempo. A roupa tende, pois a estar poderosamente associada com a memória ou, para dizer de forma mais forte, a roupa é um tipo de memória. (STALLYBRASS, 2008, p.13).

O uso do branco, do jaleco branco, das roupas brancas, faz parte de um simbolismo que tem como um dos efeitos o próprio ser sujeito cientista, nosso foco de estudo. Estudos sobre visões de ciência e cientistas (CHRISTIDOU & KOUVATAS, 2013; ANDERSEN, 2013; KOSMINSKY & GIORDAN, 2002) investigam a formatação deste sujeito em um imaginário que inclui a própria pessoa cientista, suas práticas e sua validação na sociedade. São reportados como cientistas: homens, vestindo seus jalecos, em atividade no laboratório e sozinhos. As imagens não variam e mostram sempre o homem gênio caricato de óculos, que trabalha muito e está sempre cercado de aparatos tecnológicos ou é apresentado em atitude de ensino. Em se tratando de mulheres como sujeitos nas ciências, na pesquisa de Christidou & Kouvatas (2011), que analisou imagens de ciência e cientistas, a presença de mulheres totalizava 24% do conjunto visual investigado.

Existe uma forma de ser e de se apresentar cientista que é raramente questionada. Associado ao discurso do branco asséptico há também uma padronização do sujeito das ciências que indica não só o que pode ou não pode vestir, em que locais e que validação se dá a esta vestimenta, como também o sujeito desta vestimenta. O intelectual de jaleco que aparece não só nas pesquisas citadas, mas também na mídia e na história das ciências, faz parte de um conjunto de discursos que instituem a verdade sobre a própria ciência, que eleva as pessoas que neles se enquadram a um status muitas vezes desejado e que exclui outros sujeitos – mulheres e pessoas negras, por exemplo – fazendo-os buscar formas de resistir.

Voltemos à Marie Curie. Havia um elemento de sua identidade muito apontado por suas biografas e que tinha relação com o vestir. Para Bernadette Bensaude-Vincent:

Outro elemento importante do mito é seu eterno vestido de algodão preto. O retrato de uma mulher austera que obtém respeito através da simplicidade e da humildade, que foge da exposição pública foi difundido pela mídia na campanha de imprensa dirigida por Mary Meloney na década de 1920 (BENSAUDE-VINCENT, 1994).

A própria Meloney, editora que providenciou as viagens de Marie Curie para os Estados Unidos e que ajudou a organizar sua autobiografia, reforça a força da imagem de Curie vestida de preto. Em seu primeiro encontro com a cientista para uma entrevista, ela afirmou que, quando a porta se abriu ela viu “uma mulher pálida e tímida, em um vestido de algodão preto, com o rosto mais triste que eu já tinha visto” (MELONEY, 1923, p. 12). Curie durante toda sua vida vestia-se dessa maneira e o uso de um vestido preto por uma mulher cientista está recheado de enunciados. O desafio neste texto é encontrar quais são.

Os enunciados são tipos de atos discursivos que são raros, ainda que as enunciações sejam muitas. Eles são diferentes de atos cotidianos, são atos aceitos e sancionados dentro de uma rede discursiva e movimentam discursos dentro de uma ordem, em função do seu conteúdo de verdade ou em função daquele que praticou o enunciado.

Analisando um conjunto de biografias e fotografias de Marie Curie, procuramos quais são os enunciados que são situados historicamente no vestido ou no vestir-se de Curie e que, a partir de sua materialidade, são repetidos, transformados e reativados. Cujos efeitos estão presentes nos discursos e na constituição do ser mulher cientista na contemporaneidade. O primeiro deles é:

Eu sou uma mulher pobre, meu interesse não é a moda, nem o dinheiro, mas produzir conhecimento e ser reconhecida por ele.

Recursos financeiros modestos sempre foram uma constante na vida de Marie Curie. Falando de sua vida de estudante em Paris, em sua autobiografia, escreveu que “a todo momento, as condições de minha vida estavam longe de serem fáceis, por causa dos meus poucos recursos e por minha família não conseguir ter os meios para me ajudar como eles gostariam.” (CURIE, 1923, p. 74). Na biografia escrita por sua filha Ève, ao retratar esse mesmo período, tem-se que Curie economizava durante o ano para, nas férias encontrar “a costureira que por alguns rublos lhe cortará e costurará novos vestidos de lã – os vestidos com que em novembro reaparecerá na Sorbonne!” (CURIE, 1957, p. 95).

Mesmo com dinheiro para viver confortavelmente, Marie manteve-se frugal. Segundo Barbara Goldsmith (2006), por toda a vida fez seus cálculos científicos reaproveitando cadernos e seus vestidos gastos eram reformados até se tornarem imprestáveis. Já casada com Pierre, manteve um posicionamento de que o conhecimento científico deveria ser gratuito e compartilhado para o bem da humanidade. Cientistas da época viviam no limiar da pobreza, a não ser que viessem de famílias abastadas, como era o caso de Henri Becquerel, ou para o caso das mulheres, se fossem ricas ou casadas com homens ricos. Marie com seus vestidos gastos enunciava que a produção de conhecimento era o que importava pra ela, para além de lucro e uma exposição de sua imagem (Figura 2).



Figura 2. Curie vestida para um trabalho de campo. Fonte: <http://gg.gg/c4v2o>. Acessado em 20 de julho de 2018.

Para Nancy Fraser (2012), há uma injustiça cultural que requer mudanças culturais ou simbólicas a partir do que a autora chama de redistribuição. Essa redistribuição seria parte de um processo de avaliação de identidades desprezadas, reconhecimento e valorização de diversidade cultural e alteração de uma percepção que cada um tem de si mesmo e do grupo ao qual pertence. Ao final, a redistribuição resultaria em reconhecimento dessas identidades outrora invisibilizadas, movimentando discursos e relações econômicas e sociais. Cientistas mulheres estariam incluídas nas ditas identidades desprezadas reforçadas pelas estatísticas de que continuam ganhando menos, considerando a carga tripla de trabalho a que são submetidas.

Existe uma forma de agir exigida dos cientistas que requer uma centralidade, uma objetividade e uma seriedade que não fazem parte do discurso sobre o ser feminina. O “ser feminina”, no imaginário da sociedade é ser vaidosa e o “ser cientista” é organizar uma trajetória que privilegie a mente em desfavor do corpo. Vestir-se de preto, acentua uma tecnologia de gênero, pois organiza uma neutralidade, sobriedade e posição para a mulher. Qual seria a forma dita como adequada para uma cientista que é física ou química se vestir? (Figura 3)



Figura 3. Marie Curie e sua filha Irène trabalhando no Instituto do Rádio em 1921. Fonte: <http://gg.gg/c4v2b>. Acessado em 20 de julho de 2018.

Em pesquisa com cientistas da Física, Betina Lima (2008) destaca que muitas praticam o que ela denomina de “do ultraje à armadura”, as mulheres tendem a abandonar o modo feminino de se vestir e buscam formas neutras e até mesmo formas assexuadas¹ de vestimenta. Lima, após suas entrevistas, obteve que:

A forma adequada de se vestir para uma professora de Física, em seu meio destacadamente masculino, como aponta pela contagem de alunas e alunos, é como uma mórmon, nome dado aos/às seguidore(as) da igreja “Jesus

¹ A autora Betina Lima, não deixa explícito o que ela chama de “formas assexuadas” de vestir, o que pode causar certa confusão a partir do termo assexuada. Entendemos que as mulheres passariam a se vestir procurando uma neutralidade de gênero, evento comum na moda atual.

Cristo dos Santos dos Últimos Dias”. Esta menção religiosa a uma forma de apresentar-se remete ao modelo sóbrio e casto de vestir-se. Trata-se de uma estratégia de abolir, apagar o corpo. O apagamento do corpo feminino é também uma maneira de não ser desrespeitada pelo assédio [...] as mulheres são penalizadas por se vestirem mais femininamente, elas são malvistas. O assédio é, muitas vezes, interpretado como consequência punitiva por não se vestir adequadamente, ou melhor, por se vestir femininamente. (LIMA, 2008, p. 101).

Marie preservou seu vestido, mas ainda há mulheres que são assujeitadas duplamente pelo discurso da feminilidade e pelo do “ser cientista”, que buscam uma discrição e um apagamento que é fruto da conformação androcêntrica da prática científica que oculta o corpo feminino e as faz vestir armaduras estratégicas que são muito parecidas com as vestimentas masculinas. As mulheres que resistem são deslegitimadas em seus meios, podem ter suas falas e pesquisas desacreditadas e vistas como femininas demais. Ao mesmo tempo, os lugares de fala e de circulação da ciência requer que as mulheres estejam trajadas de forma “apresentável”. O que seria esta forma? Os efeitos do primeiro enunciado do vestido de Curie ainda nos chegam. O segundo enunciado analisado é:

Preto e algodão são mais importantes para o trabalho que ela fazia, ou seja, Curie era uma mulher prática.

Ao saber que ganharia um vestido para o seu casamento, Marie observou para sua doadora: “se a senhora está com ideias de me dar um, eu queria que fosse escuro, simples e que servisse para o trabalho no laboratório” (CURIE, 1957, p. 115). A preocupação era legítima, pois, em quase toda a sua caminhada como pesquisadora, Curie precisou participar de processos que exigiam uma força física mais condizente com um operário de fábrica do que com uma frágil cientista.

Não é difícil de imaginar seus vestidos negros repletos de manchas, como os primitivos jalecos. Quanto mais sujos de sangue e secreções mais status para o médico, quanto mais nódoas de soluções e poeira, mais perto do rádio (Figura 4).

A preocupação com a praticidade das vestimentas remete às narrativas de espaços sociais que as mulheres circulam enquanto cientistas. Numa visão dicotômica perpetuada historicamente os homens pensam e as mulheres executam. Margaret Rossiter (1982) conceituou estes lugares como uma “segregação territorial”, pois os homens estariam em atividades de maior prestígio em sua maioria, enquanto as mulheres estariam presentes naquelas áreas consideradas aplicadas. Não é um discurso comum que as áreas de analítica e orgânica exigem uma minuciosidade feminina? As áreas mais teóricas ainda hoje são aquelas que apresentam um quantitativo menor de mulheres pesquisadoras?

Curie, porém, transitava por estes dois lugares, então precisava organizar suas vestimentas de forma a facilitar seu trabalho. Além da preocupação com o pensar e fazer, o vestir relacionava-se com a efetividade da atividade. Com a prática. Durante os anos em que o mundo esteve em guerra, Curie e sua filha Irène estiveram no front. Os diagnósticos médicos por meio de imagens estavam concentrados em hospitais em Paris e constantemente os soldados morriam pois os estilhaços e projéteis não eram visualizados em seus corpos. Como tentativa de servir à França, Curie organizou seus conhecimentos sobre os raios-x e, de forma aplicada, inventou máquinas portáteis que foram chamados de les petites curie. Marie

percebeu que a falta de pessoal qualificado e de eletricidade em muitos hospitais exigia a criação de algo móvel, que pudesse levar eletricidade e o equipamento de raios-X para a periferia de Paris, onde havia uma maior quantidade de necessitados.

Estas unidades móveis eram instaladas em carros (Figura 5). Como a guerra é reduto masculino, Marie era constantemente impedida de levar sua invenção para cuidar dos necessitados. Em sua autobiografia escreve que “Quando eu viajava com o carro radiológico, também tinha outros tipos de problema. Eu tinha, por exemplo, que encontrar lugares seguros para o carro, obter hospedagem para os assistentes e assegurar os acessórios do carro. Como os motoristas eram escassos, aprendi a dirigir carros, e fiz quando necessário” (CURIE, 1923, p. 96).



Figura 5. Curie ao volante de seu veículo radiológico. Fonte: http://www.1914-1918.be/marie_curie.php. Acessado em 20 de julho de 2018.

Além de inventar os equipamentos móveis, Curie também exerceu a docência, este trabalho feminino, no período de guerra. Por falta de pessoal, mulheres foram recrutadas para aprender fundamentos de física para manipular os raios-x portáteis e fazer os diagnósticos nos hospitais. Foram formadas, por Marie, sua filha mais velha e suas companheiras pesquisadoras cerca de 150 técnicas, mulheres das mais variadas classes sociais (Figura 6). A guerra reorganizou momentaneamente a segregação dos espaços, ensinando àquelas mulheres uma ciência prática. Ao fim do conflito os lugares foram rearranjados.



Figura 6. Marie Curie (segunda à direita) ensinando mulheres a manipular equipamentos de raios-x. Fonte: http://www.1914-1918.be/marie_curie.php. Acessado em 20 de julho de 2018.

O terceiro e último enunciado analisado é:

Marie Curie é uma mulher que não está atrás de um jaleco branco, nem de uma calça. Marie é mulher fazendo ciência e não precisa perder essa identidade para ser cientista.

Ao afirmar que a radioatividade poderia ser medida, fornecendo um meio de descobrir novos elementos e de que ela seria uma propriedade atômica, Marie revolucionava a ciência. Mas o que se discutia à época eram suas identidades:

Quem era aquela pessoa? Era uma cientista irrealizada que nem sequer completara a tese de doutorado. Era uma emigrante polonesa que trabalhara como governanta. Estava casada com um professor de uma escola industrial. Era uma mulher (GOLDSMITH, 2006, p. 66).

Existe uma conciliação de identidades em Curie que atravessa a história e chega até nós. Marie Curie é professora, pesquisadora, mãe, esposa, foi governanta, foi amante, foi líder de instituto, foi funcionária do governo na guerra, foi inventora. Todas as experiências vividas e materializadas por meio de um vestido preto de algodão implicam na constituição de um ser cientista para Curie e para as mulheres das ciências na contemporaneidade. A cientista é uma fabricação discursiva dentro da objetivação das ciências que a quer um corpo dócil, útil, produtivo, mas ela também é construído de um processo de subjetivação, que a faz sujeito de variadas identidades. Ser a mulher de vestido, para além do jaleco branco é uma estratégia de resistência. Ao retornar para a fotografia da Conferência de Solvay, todas as pessoas de preto, cor símbolo do poder, havia uma mulher de vestido preto.

A discussão sobre a intencionalidade do uso desse tipo de vestido de Maria Curie, pouco ou nada tem influência nesse trabalho. Os enunciados presentes nos vestidos de Curie são do nosso tempo, dizem do que podemos ver, dizem de como podemos ver esse vestido no centro de um universo ainda machista e, que naquela época, chegava aos extremos da misoginia. Sim, esse vestido é um poderoso significante.

Considerações

Este artigo utilizou narrativas biográficas e pictóricas para discutir a constituição de um sujeito mulher cientista e os enunciados presentes num simples vestido. Narramos histórias e apresentamos imagens, para fazer segundo Joan Scott (1999), e dar conta dos processos históricos que, através dos discursos, posicionam sujeitos e produzem suas experiências.

Investigar os enunciados presentes nas escolhas de Marie Curie rompe com as proposições universalizantes sobre ser uma mulher cientista, apresenta o caráter plural das identidades femininas, apresenta as repetições e reafirmações de discursos e práticas que ainda promovem os mesmos lugares para as mulheres mas também nos mostra formas de resistência talvez nunca pensadas, como um vestido preto de algodão.

REFERÊNCIAS

ANDERSEN, Hanne Moeller; KROGH, Lars Brian; LYKKEGAARD, Eva. Identity Matching to Scientists: Differences that Make a Difference? *Research in Science Education*,

v. 44, n. 3, p.439-460, 2014.

BENSAUDE-VINCENT, Bernadette. Une robe de cotton noir. Cahiers de Science & Vie. v. 24, p. 76-85, 1994.

CÉLINE, Louis-Ferdinand. A vida e obra de Semmelweis. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

CURIE, Ève. Madame Curie. 10ª edição. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1957.

CURIE, Marie. Autobiographical notes. In: _____ . Pierre Curie. New York: Macmillian Company, 1923. p. 68-108.

FOUCAULT, Michel. A arqueologia do saber. 8ª edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.

FRASER, Nancy. Igualdade, identidades e justiça social. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/364304/mod_resource/content/1/LUTA%20DE%20CLASSES%20OU%20RESPEITO%20%C3%80S%20DIFEREN%C3%87AS.pdf>, 2012. Acessado em 20 de julho de 2018.

HARVEY, John. Homens de preto. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

HOLLANDER, Ann. Seeing Through Clothes. Mew York: The Viking Press, 1988

KOSMINSKY, Luis; GIORDAN, Marcelo. Visões de Ciências e sobre Cientista entre estudantes do Ensino Médio. Química Nova na Escola, n. 15, 2002.

LIMA, Betina Stefanello. Teto de vidro ou labirinto de cristal? As margens femininas das ciências. 2008. 133 f. Dissertação (Mestrado em História)-Universidade de Brasília, Brasília, 2008.

MELONEY, Marie “Missy”. Introduction. In: CURIE, Marie. Pierre Curie. New York: Macmillian Company, 1923.

ROSSITER, Margaret. Women Scientists in America: Struggles and Strategies to 1940. The John Hopkins University Press. London, 1984.

STALLYBRASS, Peter. O casaco de Marx: roupas, memória, dor. Tradução: Tomaz Tadeu. 3.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.